

A heterogeneidade nas práticas de catação de caranguejos

Entre relações de gêneros, saberes e práticas das mulheres em Bragança

Alciléia Silva da Costa
Taís do Socorro do Nascimento Matos
Yasmin Suany Tavares Freitas¹

Resumo: O presente trabalho pretende compreender a prática da catação de caranguejos desenvolvida pelas mulheres do Bacuriteua, comunidade do município de Bragança-PA e como essa atividade é vista na escola. A problemática que perpassa a pesquisa é: a mulher é invisibilizada nas atividades artesanais, como a catação de caranguejo, dentro da comunidade do Bacuriteua? Os referenciais teóricos primários discutidos neste trabalho são: (Hage, 2016) e (Vieira et. al. 2013). Metodologicamente esta pesquisa se deu em dois momentos: leituras e debates sobre cultura, multiculturalismo, e heterogeneidade na Amazônia, e, no segundo momento a construção de um roteiro de entrevista para uma catadora de caranguejo. Nas análises dos dados identificou-se que essa prática artesanal e cultural, (a catação de caranguejos), abordada dentro das relações de gênero apresenta uma disparidade, o homem ganha *status* e reconhecimento, porém a mulher é pouco visibilizada, tendo pouco prestígio em sua atividade que requer tanto esforço quanto o trabalho exercido pelos homens na referida comunidade.

Palavras-chave: Relações de Gêneros, Catação de caranguejos, Saberes das mulheres.

1. DIÁLOGOS PRELIMINARES

Dentro de um contexto sociocultural, em que os discursos de relações de gênero são restringidos ou muitas vezes reduzidos a concepção de sexualidade; tal conceito tem levantado incompreensões, estereótipos, inclusive preconceitos que tornam alguns sujeitos invisibilizados.

A partir dessa temática sobre as relações de gênero, volta-se o olhar para a comunidade do Bacuriteua, município de Bragança/PA, onde há uma atividade cultural extrativista feminina: a catação do caranguejo. Nessa atividade artesanal, apresenta-se uma distinção nas relações de gênero, em que o prestígio é concedido ao homem, por realizar atividades idênticas às

¹ Alunas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPA. Trabalho produzido a partir da disciplina Educação e Diversidade Sociocultural. E-mail: alcileia35@hotmail.com

mulheres, entretanto, são elas que desenvolvem também este trabalho, e que contribuem para o desenvolvimento da comunidade, mas, ao que tudo indica, suas atividades não são reconhecidas.

É por esse motivo, que o enfoque para as relações de gênero se tornou tão importante, e, certamente, necessita de mais atenção; percebe-se que as relações de trabalho não se equiparam entre homem e mulher. Por isto, não dá para fechar os olhos para a realidade posta, a questão das relações de gênero precisa ser discutida nas escolas, no meio social, pois configura-se como um problema ao privilegiar um em detrimento ao outro. Neste caso, o homem ora posto como o mantenedor do lar e a e a mulher como “auxiliadora” nos afazeres essencialmente domésticos; foi um estereótipo criado historicamente por uma sociedade patriarcal.

Dessa forma, a pesquisa objetiva compreender as práticas culturais da catação de caranguejo desenvolvida pelas mulheres da comunidade do Bacuriteua, Bragança-PA e como essa prática é vista na escola.

A pesquisa surgiu a partir da disciplina Educação e Diversidade Sociocultural e metodologicamente foi desenvolvida em dois momentos: no primeiro momento ocorreram leituras e debates sobre cultura, multiculturalismo, educação e diversidade na Amazônia, na sequência, elaborado um roteiro de entrevista para uma catadora de caranguejos. Suas falas e o embasamento teórico permitiram a construção deste trabalho.

2. APONTAMENTOS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA CATAÇÃO DE CARANGUEJO A PARTIR DA HETEROGENEIDADE CULTURAL

O contexto amazônida apresenta contrastes culturais e heterogênicos em sua construção, podendo ser percebido em suas características físicas, biológicas, étnicas e sociais. Tais fatores podem ser observados em seu ambiente, nos comportamentos, nas manifestações artísticas e nas relações de trabalho.

A Amazônia apresenta como uma de suas características fundamentais a heterogeneidade, que se expressa nos aspectos ambientais, produtivos, culturais e isso suscita inúmeras questões a serem consideradas quando intencionamos: a produção e reprodução da existência das infinitas formas de vida que ela abriga [...] a elaboração de políticas públicas que universalizem e assegurem os direitos humanos e sociais e afirmem as identidades culturais de suas populações; e o desenvolvimento com sustentabilidade desse território. (HAGE 2016:1)

Percebe-se no posicionamento do autor, uma Amazônia ao mesmo tempo heterogênea em seus aspectos vitais, entretanto, há que se olhar para as “formas de vida” que ela abriga, por isso faz-se necessário a criação de políticas públicas que garantam direitos tanto nos aspectos culturais, quanto sociais e territoriais para os amazônidas.

Dentro desse quadro, culturas que se ligam e que se encontram, há a heterogeneidade ambiental representada não só pelas florestas, mas também pelos manguezais, (como é o caso da vila do Bacuriteua, Bragança-PA); na heterogeneidade produtiva, representada pela extração do caranguejo, e, por último, trata-se de uma heterogeneidade sociocultural que se apresenta por uma população ribeirinha que tem por base a extração do caranguejo, a catação e a pesca.

Sob a ótica da heterogeneidade, é sumamente necessária a abordagem do conceito *gênero* que surgiu a partir da década de 60, usada por feministas como a primeira definição, a qual apresentava resistência do termo associada ao sexo: “Essa definição foi a primeira usada por feministas de língua inglesa a partir do final dos anos 60, para combater a força da categoria sexo e suas implicações nas ciências sociais, buscando enfatizar a dimensão social do gênero”. (CARVALHO 2008:90)

Para tanto, percebe-se que a intencionalidade da palavra *gênero* é não representativa nem excludente, a autora buscou enfatizar que as defensoras buscavam quebrar as barreiras da categorização, ou seja, da restrição do sexo. Segue uma conceituação sobre o termo:

[...] gênero não é sinônimo de mulheres, sejam professores ou alunas, mas inclui homens, mulheres e também símbolos ligados pelo senso comum à feminilidade e à masculinidade. Estes símbolos muitas vezes não têm nada a ver com os corpos sexuados nem com a reprodução. São, por exemplo, cores (rosa e azul), astros celestes (sol e lua), espaços sociais (público e privado) [...] (CARVALHO 2008:90)

Segundo a autora, conceituar *gênero* não se trata de restringir ao homem ou a mulher, ou à simbologia da feminilidade, masculinidade e etc. Essa definição reduzida acarreta não só problemas sociais, mas educacionais, se olhado pelo âmbito escolar. Por isso, o olhar se volta para as teorias que perpassam o sistema escolar, as quais precisam ser cuidadosamente repensadas.

A escola caracteriza-se por ser é um dos ambientes em que as questões de gênero se encontram, ou se chocam exatamente pelas culturas dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, se faz necessário repensar os métodos de ensino:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos, e que sentidos nossos/as alunas/os dão ao que aprendem. Atevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas “críticas”). Temos de estar atentos/as, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui. (LOURO 1997:64)

Segundo a autora, repensar a remodelagem dos métodos de ensino, assim como a atenção com a linguagem tornam-se indispensáveis para perceber atitudes que prejudiquem o a interação dos sujeitos. Ao se falar em gênero, percebe-se também uma exclusão de classes, que, independente do contexto (étnico, social, religioso, econômico, escolar), tornam-se minimizadas. Desse modo, lava-se repensar o conceito de *gênero* como integração não como segregação.

Infelizmente, não se precisa ir muito além, o quadro amazônida configura-se como uma região cheia de contrastes sociais, mazelas resultantes do capitalismo que marginaliza o índio, o afrodescendente, a mulher, classes ou grupos vitimados pelo conservadorismo.

O avanço dessa “Onda Conservadora” em curso assume um posicionamento explícito a favor da consolidação de um projeto de sociedade orientado: pela mercantilização da vida, das políticas públicas, do imaginário social; pela exclusão social, racial, sexual, étnica, etária, territorial [...] (HAGE 2011:16)

Dentro desse contexto, encontram-se as relações de gênero, sobretudo as relações de trabalho extrativistas, que permitem constatar a disparidade entre o homem e a mulher quando em relações de trabalho, ou seja, mesmo ambos ao proverem renda são postos em patamares diferenciados, tendo o homem o prestígio e a mulher pouco ou nenhum reconhecimento; as imposições, os padrões históricos perduram até os dias atuais: em algumas situações, somente é considerado trabalho toda e qualquer ocupação feita pelo homem, se realizada pela mulher é vista como ajuda, como um auxílio para a família.

De qualquer forma, atividades desenvolvidas por mulheres, mesmo que idênticas àquelas feitas pelos homens, não são consideradas trabalho, e sim ajuda, confirmando inúmeros estudos existentes em torno de agricultores familiares e populações tradicionais (artesãos, extrativistas, pescadores artesanais,) os quais indicam uma divisão sexual do trabalho bem definida a inexistência de ou pouco intercâmbio de tarefas e obrigações, o prestígio masculino, a invisibilidade do

trabalho da mulher. (PAULILO & BRUMER 2004 *apud* VIEIRA et. al. 2008: 818)

Dessa forma, percebe-se que a prática de trabalho como a catação de caranguejos segue um modelo dual de trabalho, ou seja, se caracteriza pela ênfase que é dada pelas atividades e pelos espaços traçados e definidos na comunidade do Bacuriteua. Entretanto, tal atividade que requer esforço, percebe-se não ter seu apreço cultural; poucas pessoas entendem a prática como uma manifestação cultural dentro do município de Bragança.

O desafio desta pesquisa é mostrar as relações de gêneros evidenciadas nas divisões de trabalho das catadoras de caranguejo da comunidade do Bacuriteua e se esta prática chegou ao meio escolar. No tópico “Análise dos resultados” a fala de uma catadora demonstra que na escola é trabalhada durante as feiras pedagógicas, o que se permite inferir a pouca visibilidade quanto a essa atividade, sobretudo por quem ela é praticada.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Dentro do município de Bragança, a Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçú, fundada em 2005 “é uma sociedade de natureza civil, sem finalidades econômicas, destinada a proporcionar aos associados (as) uma forma de participação comunitária ativa e a representa-los e defende-los em seus interesses políticos, sociais, econômicos, ambientais e culturais”. Dentro desses associados, estão também respaldadas as catadoras de caranguejos, objeto da pesquisa e representadas pela comunidade do Bacuriteua, Bragança-PA com a atividade extrativista: a catação do caranguejo.

A catação de caranguejos caracteriza-se como uma atividade artesanal; uma das fontes de renda da comunidade do Bacuriteua situada no município de Bragança-PA. Foram elencados questões que nortearam a pesquisa para a obtenção dos resultados, sobretudo de como surgiu essa prática na comunidade e como ela é vista na escola.

Após a construção do roteiro e a realização da entrevista, segue a análise da fala de uma catadora de caranguejos, representante das mulheres catadoras de caranguejos da comunidade do Bacuriteua junto à RESEX. Sua fala é direcionada à luz do acervo teórico consultado.

4. O TEMPO PARA A CATAÇÃO DE CARANGUEJOS NA COMUNIDADE

A atividade da catação do caranguejo desenvolvida pelas mulheres da comunidade do Bacuriteua é, em geral, oriunda de famílias com o mesmo

grau de parentesco. Percebe-se pela fala da entrevistada que a prática da catação já era existente antes da sua chegada à comunidade do Bacuriteua, entretanto, a atividade já é quase extinta dentro da citada comunidade.

Desde que eu cheguei aqui, tinha uns 10 anos já tinha, a gente praticamente vivia disso, mas foi se acabando com tempo - o tempo estimado de 29 anos atrás já existia catadora de caranguejo (Juciléia).

Fatores que interferem nessa “extinção” são trabalhados por Hage (2016) as relações entre o tempo social, o tempo individual, e o tempo da natureza: “nos saberes sobre o tempo, as marés, os igarapés, a terra, a mata, o período de desova das espécies e os períodos de chuva e sol, para explicar suas práticas sociais, as técnicas utilizadas e sua racionalidade produtiva; evidenciando a ligação intrínseca que mantêm com os ecossistemas [...]” (Castro 1999 *apud* Hage 2016).

O diálogo das falas do autor e entrevistada marcam as relações do tempo envolvendo o tempo da natureza. O tempo que precisa para a extração do caranguejo, das técnicas necessárias para a catação e a inviabilização do manejo do crustáceo pela população ribeirinha por um período demarcado durante o ano.

5. A CATAÇÃO DE CARANGUEJOS COMO FONTE DE RENDA

A geração de renda produzida nas comunidades ribeirinhas perpassa por diversas práticas culturais, assim como ao Bioma Brasileiro. De acordo com Hage (2016) a Amazônia apresenta em seu território três heterogeneidades: a heterogeneidade ambiental, a produtiva, a sociocultural; atividades econômicas de base familiar como a pesca, a agricultura familiar, a extração de caranguejos nos mangues, entre outras atividades tradicionais praticadas pelos amazônidas.

Na comunidade do Bacuriteua, percebe-se que a atividade de catação de caranguejos realizada pelas mulheres é pouco valorizada, até mesmo invisibilizada. Pela fala da entrevista, percebe-se que pela atividade há uma fonte de renda, porém, não reconhecida como trabalho, mas como uma complementação familiar:

Já gerou sim, mas hoje nem tanto, porque evoluiu muito, tem outros trabalhos e os sujeitos que querem coisas melhores para sua vida eles não querem catar caranguejo eles vão em busca de coisas melhores, mas gera renda (Juciléia).

A fala da entrevistada apresenta uma realidade que evoluiu muito com o tempo, ou seja, a renda que antes trazia a catação de caranguejos à comu-

nidade do Bacuriteua subentende-se que seria bem maior devido o número dos catadores, mas que tais saíram em busca de outras oportunidades (empregos), ao que tudo indica fora da comunidade Bacuriteua, o que implica na baixa da prática da catação.

6. A CULTURA DO TRABALHO DAS MULHERES NA COMUNIDADE

A cultura do trabalho das mulheres na comunidade Bacuriteua perpassa pelas suas práticas de trabalho que são provenientes nas relações de gênero entre homem e mulher e se constituem pela representação que elas têm sobre seu trabalho.

Eu não. Eu acho que...acho não tenho certeza se fosse pra mim viver sozinha hoje em dia eu não dependia de homem eu me viro sozinha mesmo. Não, tinha gente que dizia assim “ eu não dou pra isso” porque não tem coragem de fazer, mas as mulheres que gostam de trabalhar mesmo não rejeitam serviço, qualquer tipo de serviço. (Juciléia)

Pela fala da entrevistada, vê-se uma individualidade e independência, a mulher que se sobressai em atividades árduas, que requerem esforço e dedicação. Por meio da atividade, a entrevistada demonstra destreza nas habilidades, não só na catação de caranguejos, mas em outras atividades, ao se referir “qualquer tipo de serviço”. Sobre as habilidades da mulher, Vieira et. al. afirma: “Observa-se, assim, que a ocupação da mulher é contínua e exige além da habilidade da catação a de gerenciamento do tempo das tarefas que a ocupam”. (2013:821). Percebe-se mais uma vez a mulher relacionada ao tempo, visto que pela fala da entrevistada, há a divisão entre a prática cultural, ou seja, a catação de caranguejos e suas atividades cotidianas.

7. A PRÁTICA CULTURAL DA CATAÇÃO LEVADA ÀS ESCOLAS

As práticas culturais que enriquecem o cenário do Brasil carregam traços étnicos, religiosos e históricos que constroem o cenário das populações, principalmente quando se trata do contexto Amazônico. Tradições e culturas não podem cair no esquecimento. A escola é certamente o palco para que se apresentem culturas, que muitas vezes são minimizadas por não terem *status* científico. Os povos ribeirinhos têm muito a contribuir para a Educação, pois eles dominam os saberes da natureza: “conhecem as marés do rio que enche e vaza; conhecem o período apropriado para a coleta dos frutos na floresta; entendem a geografia dos rios e das matas; trazem consigo a cultura de seus antepassados [...]” (COELHO 2015: 49).

Percebe-se a seguir na fala da entrevistada uma das formas de como a cultura da catação de caranguejos é vista nas escolas:

“Aquele Feira de Ciências, né? Vem mostrar a vida, a cultura do pescador, do caranguejeiro, da catadora, pra não morrer.” (Juciléia)

A entrevistada abordou as Feiras de Ciências, certamente a promoção de eventos culturais, feiras e exposições para mostrar que o conhecimento vai além do científico, que o ribeirinho domina o conhecimento empírico da Geografia, da Biologia, sem ter ido à escola, demonstra que os sabres não devem ser estigmatizados, ou, em outras palavras não se deve “deixar morrer” a prática cultural da catação de caranguejos sem que antes seja reconhecida no âmbito escolar como prática cultural do município de Bragança-PA.

8. CONCLUSÕES

A pesquisa procurou destacar as práticas culturais da catação de caranguejo na comunidade do Bacuriteua, Bragança-PA e como essa prática cultural chegou às escolas. Buscou embasamento teórico para entender a concepção de gênero e as relações de gênero no âmbito social, focalizando nas relações de trabalho em que o homem é prestigiado por exercer funções idênticas ou parecidas às da mulher, entretanto, a mulher é reconhecida como ajudadora, pois cabe a ela desempenhar o papel de complementar a renda familiar, salvo exceções que na entrevista mostraram independência e autoconfiança em suas atividades.

As heterogeneidades demarcadas no espaço amazônico trabalhadas por Hage (2016) enfocaram as diversidades ambientais, produtivas e socio-culturais representadas pelas formas de vida que aqui habitam. O manguê, a extração e catação de caranguejo como produções artesanais sustentáveis e a população ribeirinha representada pelos seus costumes e que se pode perceber, riquíssima em conhecimentos empíricos sobre o tempo das chuvas, da pesca, da extração de caranguejos e etc.

Quanto às catadoras de caranguejos da comunidade do Bacuriteua, Bragança-PA, a representante (entrevistada) mostrou-se segura e habilidosa ao relatar sua atividade, porém, mesmo não tendo contato com a maioria delas, percebe-se que tais mulheres são ainda invisibilizadas; tem se dado pouca importância à atividade dentro e fora da comunidade, muitas vezes de forma significativa outras de forma valorativa.

Evidenciou-se as relações de gênero, em que o prestígio é concedido ao homem, responsável por extrair, limpar, e esquartejar os caranguejos, mas não se tem olhado para as mulheres que retiram o produto para a comercialização: a “massa” (carne do caranguejo).

A escola, sem dúvida, é a porta-voz para se trabalhar as questões de gêneros, mas principalmente para promover eventos culturais em que feiras temáticas, discussões e representações artísticas tematizem a cultura regional. A catação de caranguejos pode ser uma função que as pessoas associem apenas aos homens, por isso esse distanciamento e até desvalorização cultural. Refletir sobre um conhecimento cultural e desmistificar estereótipos contribuirão para a formação de sujeitos conscientes de um país multicultural.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA-PARÁ. **Estatuto Social da Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçú**: Capítulo I Art. 1º, que estabelece Dominação, sede, duração, ano social, área de atuação e finalidade, 2005.

CARVALHO, Marília Pinto de. Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar. In: **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Antônio Flávio Moreira, Vera Maria Candau (orgs.) 2. ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Educação Ribeirinha na Amazônia. In: **Educação e diversidades na Amazônia**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2015.

HAGE, Salomão Mufarrej. Interculturalidade, Fraternidade e Comunhão: Referências para a Sustentabilidade na Amazônia. **XVII Congresso Eucarístico Nacional**. Belém do Pará, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

VIEIRA, Norma et. al. Divisão Sexual do Trabalho e Relações de Gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico. **Revista Online Antropol.** v. 5, n. 3, p. 806-835, 2013.